

municava, a fim de que sua divina liberalidade se satisfizesse e não perdesse o devido obsequio e gratidão por parte daqueles obstinados. Isto aprazia muito ao dileto Pai, que ficava plenamente satisfeito com estas minhas ofertas e atos de gratidão, como costuma acontecer no restante.

**A NOITE. EXTASE E ORAÇÃO.** Prosseguindo desta maneira nossa viagem, à tarde, achando-nos no meio do campo, sozinhos, sem provisão alguma, parávamos para algum repouso. José, aflito, acomodava seu manto de modo a abrigar-nos um pouco das intempéries da estação, tanto a mim como a minha querida Mãe. Ficávamos ali entretendo-nos em sacros colóquios com meu Pai. Falava-lhes eu com tanta graça e amor que ficavam consolados e com isto tornava-se muito suave aquele sofrimento. Enquanto eu falava, caíam os dois em êxtase por causa da alegria e do gáudio que seu espírito experimentava. Suplicava ao Pai se dignasse mantê-los naquele regozijo até o despontar do dia. Atendia-me o querido Pai. Durante o tempo em que estavam assim enlevados em Deus, e privados dos sentidos, punha-me de joelhos em terra, os olhos elevados ao céu, os braços estendidos em cruz, e fazia de mim oferta total ao Pai. Alegrava-se muito o dileto Pai ao ver-me naquele ato tão humilde, e mais ainda aprazia-lhe ouvir meus afetos e as ofertas de mim mesmo. Abriam-se os céus, e todos os coros angélicos contemplavam-me, atônitos diante de seu Deus humanado naquela posição. Também eles, conhecendo a complacência que em mim punha o Pai, alegravam-se e experimentavam novo gáudio. Adoravam minha Humanidade e a Divindade que lhe era unida em mim, e cantavam novos cânticos de louvor ao Deus altíssimo, pelas obras maravilhosas que em mim realizava. Pedia depois ao Pai, pelo prazer que lhe dava, que se dignasse mostrar-se propício a todos os meus irmãos e recebesse com prazer e complacência seus atos de reverência, obsequio, súplicas e ofertas. Uma vez que Ele não poderia depositar naqueles atos a complacência pela qual eu anelava, por serem praticados com muita imperfeições, oferecia-lhe os meus atos em suplência das omissões deles. Assim vinha meu Pai comprazer-se também neles, e muito mais me demonstrava o seu agrado quando os meus irmãos os ofereciam ao Pai unidos aos meus, porque, em virtude de minhas obras, todos os outros atos adquiriam grande valor. Ao invés, sem a virtude dos meus, seus atos dariam pequeno gosto ao Pai, ao qual, por ser perfeitíssimo, não agradam os atos imperfeitos, se não forem acompanhados dos meus atos a valorizá-los e apresentá-los a Ele, de maneira a trazer-lhe gosto e complacência, em vista do amor que me dedica e do prazer que eu lhe dava em todas as minhas ações e operações. Agradecia em seguida ao Pai pela complacência que tinha em mim e ainda agradecia-lhe por parte de todos os que se exercitavam em semelhantes atos e pela complacência que neles depositava, por meu amor. Pedia-lhe inspirar ao coração de todos os meus irmãos irem praticando continuamente semelhantes atos, a fim de que o Pai pudesse se comprazer neles e eles obtivessem todas as graças que o Pai costuma comunicar com grande liberalidade a quem se afadiga para dar-lhe gosto. Prometeu-me fazê-lo o dileto Pai, como de fato vi naquele instante que o realizaria com paterna providência e amor. Verifiquei que muitos nisto agradar-lhe-iam e servir-se-iam de seus divinos impulsos. Por esta razão alegre-me e rendi-lhe também por parte deles as devidas graças. Vi, porém, ainda, que muitos abusariam e não dariam ouvido aos impulsos divinos e com isto se lhe tornariam mais odiosos do que agradáveis. Por não quererem corresponder às divinas inspira-